

## A importância do ensino sobre questões de gênero na educação

OLIVEIRA, Polyanna Claudia<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo possui o intuito de trazer dados sobre a violência de gênero no Brasil. Nessa visão, o gênero é compreendido pelas relações socialmente atribuídas para os sexos e que mudam conforme o contexto. Dentro dessas relações há vários tipos de opções sexuais. O intuito desse trabalho é trazer para a sala de aula que as discriminações por diferentes opções sexuais, tal qual o posicionamento desigual entre homens e mulheres são relações socialmente construídas e que precisam ser discutidas. Além de dados estatísticos, são apresentadas sugestões de como trabalhar questões de gêneros em diferentes disciplinas.

**Palavras-chave:** ensino, gênero, desnaturalização das relações, preconceitos

### 1- Introdução:

A questão de gênero perpassa por todos. É um conceito que colabora para a explicação das desigualdades entre homens e mulheres. As desigualdades biológicas entre homens e mulheres são nítidas e explicadas muitas vezes superficialmente, num teor de mero entendimento reprodutivo, onde a noção de prazer não é explicada por tabus que pairam num sexismo onde apenas prevalece as relações entre homens e mulheres. Mesmo dentro do reducionismo dessas relações entre homens e mulheres é naturalizada a característica que cada um têm, seja por meio de figuras, problematizações de questões, de textos literários nos livros didáticos. Mas o que é gênero? <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> - Graduanda do quarto ano de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina. Email: polyannac\_@hotmail.com

<sup>2</sup> - Os conceitos foram retirados do capítulo “*Origem dos estudos de gênero*” escrito por Ari José Sartori do livro “*Gênero na Educação: espaço para a diversidade*”. Ao falar de gênero como as construções e as atribuições de papéis à homens e mulheres, ele se refere à Albertina Costa e Cristina Brsuhini.

Para compreender o que é gênero é importante compreendermos outras duas categorias: sexo e identidade sexual, que colaboram para desfazer a confusão entre o que é biológico e o que são construções sociais.

Sexo se refere à anatomia, aos órgãos sexuais que possuímos. Assim classificam-se as pessoas em machos ou fêmeas. Por gênero pode-se entender as “determinações” que cada cultura faz às atribuições de papéis sociais pelo sexo da pessoa, ou quando pensamos em identidade de gênero compreender que as relações se constroem de forma relacional. Ou seja, agimos a partir do outro, como uma resposta ou uma complementaridade. Mas sabemos que essas características não precisam ser aceitas, e por isso pensamos em gênero numa outra dimensão: a de mudança e de ressignificação da atribuição dos papéis ou da relação entre a diferença entre os sexos. Esse é o papel da educação, e com a qual as ciências sociais possuem uma grande preocupação: o de desnaturalizar as relações e construir novas formas de pensamento. Para tal é importante compreender quais as relações que se perpassam no momento, tal qual o que é apresentado na televisão, quais as formas dos alunos se relacionarem e do corpo pedagógico reagir a determinadas relações.

Por fim, dentre as categorias apresentadas para a compreensão das “desigualdades” de gênero, está a orientação sexual, aspecto a ser abordado no próximo sub-tópico para melhor designar.

## **2-Orientação sexual**

Orientação sexual refere-se ao sexo das pessoas que elegemos como objetos de desejo e afeto. Assim podemos entender as classificações:

**Heterossexual:** pessoas que têm atração sexual por pessoas do sexo oposto;

**Bissexual:** pessoas que têm atração por pessoas de ambos os sexos;

**Homossexual:** pessoas que têm atração sexual por pessoas do mesmo sexo que o seu;

No que concerne aos homossexuais, podemos falar de outras identidades de gênero:

**Travesti:** Pessoa que nasce do sexo masculino ou feminino, mas que tem sua identidade de gênero oposta ao seu sexo biológico, assumindo papéis de gênero diferentes daquele imposto pela sociedade. Muitas travestis modificam seus corpos através de hormonioterapias, aplicações de silicone e/ou cirurgias plásticas, porém vale ressaltar que isso não é regra para todas (Definição adotada pela Conferência Nacional LGBT *apud* CARRERA, Sérgio, 2009, p. 129).

**Transexuais:** Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. Homens e mulheres transexuais podem manifestar o desejo de se submeterem a intervenções médico-cirúrgicas para realizarem a adequação dos seus atributos físicos de nascença (inclusive genitais) à sua identidade de gênero constituída. (CARRERA, Sérgio, 2009, p. 129).

Jean Wyllys, deputado federal pelo Partido Socialismo e Liberdade, que se apossou do cargo em 01/01/2011, e que está na Frente Parlamentar Mista pela Cidadania LGBT disse em uma entrevista ao programa “A liga” que tratou do tema transexualidade:

Pra gente entender o que é identidade de gênero, primeiro a gente entende o que é sexo biológico. A natureza nos dá um sexo... eu sou do sexo masculino e uma mulher, digamos a Mônica Iozzi<sup>3</sup> é do sexo feminino. Nem sempre o sexo que a natureza nos dá corresponde à uma identidade de gênero semelhante. Então pode ser que um homem venha com um sexo masculino, mas a maneira como ele se percebe, se sinta e se coloque no mundo seja como uma mulher. Então nesse caso a gente fala que a identidade de gênero dele é feminina. A identidade de gênero não é biológica, não é determinada biologicamente. A identidade de gênero digamos assim é uma relação íntima entre a natureza e a cultura (o mundo que estamos inseridos, o meio de educação que a gente recebeu, as nossas relações primeiras com pai e mãe, essas relações todas tecem o que chamamos de identidade de gênero. Então quando uma pessoa é do sexo masculino, mas ele não se percebe como homem no mundo, nem se coloca e sim como mulher, ele vai tender a usar roupas femininas, ele vai tender a se identificar com o papel de gênero feminino (aquilo que a sociedade, a cultura criou para as mulheres). Então nesses casos, têm os transexuais, travestis, transgêneros de uma maneira geral. E isso vale não só para o homem como também para a mulher, que nasce num corpo feminino mas não se percebem como mulheres. Ela se percebe como homem. Ela vai crescer numa identidade de gênero que é masculina. (Trecho retirada da entrevista concedida ao programa de televisão “A liga” no dia 18/10/2011, disponível em <http://www.band.com.br/aliga/conteudo.asp?id=100000462943>. Acesso em 19/10/2011)

Mas por que é importante para um educador compreender essas classificações? Porque o tempo todo estamos lidando com pessoas que por uma opção sexual sofrem ou não preconceitos. Sofrem ao mostrar sua opção sexual por estarem fora dos padrões estabelecidos; por ter opção diferente do hegemônico, que é um relacionamento entre um homem e uma mulher, e por isso escondem e não vivenciam aquilo que idealizaram para si. Por não sofrerem, mas não compreenderem o diferente; ou por não sofrer e causar o sofrimento. E quando falo dessas pessoas que lidamos, não são só os alunos, muitos dos quais sofrem o

---

<sup>3</sup> - Jean Wyllys faz referência à repórter do programa CQC da Band.

*bullyng*, mas do corpo pedagógico, dos docentes, dos prestadores de serviço para a escola e porque não de nós mesmos?

Ensinar sobre formas de relacionar-se de modo diferente do que é estabelecido, é contribuir para uma maior compreensão da diferença, “prevenindo” assim “pré-conceitos” muitas vezes tão arraigados ao senso comum. E esse é o papel da educação. Com um viés científico e laico disseminar a importância de compreender as diferentes formas de relação. É ensinar o respeito. E quando falamos de preconceitos falamos de violência. A pesquisa “Políticas, Direitos, Violência e Homossexualidade” desenvolvida na Parada do Orgulho GLBTT de 2005, apontou que 72% dos participantes já sofreram algum tipo de discriminação por conta da orientação sexual no ambiente familiar, de trabalho, entre amigos e vizinhos, no comércio, no sistema de saúde, na escola, faculdade ou em delegacias, entre outros locais. Além disso, pouco mais de 65% deles já sofreram agressões verbais, físicas ou sexuais pelo mesmo motivo. Mapearam também onde essas discriminações são mais vivenciadas: 34% entre vizinhos ou amigos, 32% na escola ou na faculdade, quase um quarto dos entrevistados sofreram exclusão em ambientes familiares, 16% em ambientes de trabalho e 12% em serviços de saúde. Os travestis e os transexuais são os que mais sofrem com as violências devido a uma maior visibilidade de sua orientação sexual.

“Enquanto cerca de 20% dos entrevistados em geral registraram suas histórias de exclusão no comércio, 18% quanto aos policiais e 23% no ambiente religioso, os trans apontam porcentagens bem mais altas, respectivamente, 47%, 45% e 47%. Além disso, eles são mais agredidos em espaços públicos (68%), os relatos de agressões verbais passam de 77% dos entrevistados e os casos de violência física são destacados por 54% deles. A violência sexual, denunciada por 14% do total dos entrevistados, chega a quase 24% entre transexuais e travestis.” (SUCUPIRA, 2011)

Desde 1974 a Associação Norte Americana de Psiquiatria deixou de considerar a homossexualidade como doença mental e em 1990, a Organização Mundial de Saúde reconheceu que homossexualidade não é doença<sup>4</sup>. E apesar disso e dos dados apresentados, o que se vê ainda é uma grande propaganda de partidos políticos, políticos e membros de instituições religiosas propagarem uma não aceitação a outras formas de relações afetivas e

---

<sup>4</sup> - No entanto, essas instituições ainda consideram a transexualidade e a travestilidade como doenças. Nesse sentido, persiste uma concepção patologizada da experiência de gênero que as pessoas “trans” desenvolvem. Por isso, existe uma forte mobilização internacional, por parte de especialistas e de várias forças sociais, para retirara transexualidade e a travestilidade do CID e do Manual de Diagnóstico e Estatística (DSM) da APA (Barreto, Andreia ; Araújo, Leila ; Pereira, Maria Elizabete : org.).

maneiras de estar no mundo quando se fala de opções sexuais. Recentemente o caso mais famoso é o do deputado Jair Bolsonaro, que no dia 28/03/2011 mostrou no programa CQC, intolerância aos homossexuais ao dizer que por ser um bom pai e dar educação aos seus filhos isso jamais ocorreria. Outro caso ocorrido na Universidade Estadual de Londrina foi a distribuição de uma revista intitulada “*Boletim Universitário*” nº 7, com uma matéria chamada *Vocação Matrimonial*, onde fala que as relações entre homossexuais são contra a natureza, que os homossexuais são anormais e que precisam de ajuda física e espiritual. Erroneamente intitulado como *Boletim Universitário*, por não expressar a opinião dos estudantes, esse informativo entregue a estudantes e funcionários da universidade foi usado também como uma forma de disseminar uma informação errada e que propaga o preconceito em forma de algo que pode ser usado enquanto justificativa de uma violência verbal ou física.

É importante compreender que isso contribui na construção de piadas ou situações onde definições destorcidas de opção sexual são usadas pejorativamente, como por exemplo, o “xingamento” de “bicha”, gay, “viado”. É um trabalho demorado que deveria andar ao lado da aprovação de leis que criminalizem a homofobia. O Projeto de Lei para a Câmara 122, prevê a inclusão da criminalização de atos homofóbicos no artigo 1 da ementa da lei 7716, que já criminaliza os atos de discriminação de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Mas infelizmente há uma grande recusa na aceitação desse projeto de lei por parte do povo, ou o próprio desconhecimento dela. É uma das formas de compreender que é necessário criminalizar devido ao alto número de violências físicas e verbais sofridas pelos homossexuais, e o grande número de suicídios entre jovens homossexuais é a educação. Vejamos agora outras implicações da heteronormatividade dentro da sociedade que implica em distribuições de papéis desiguais entre homens e mulheres independente de sua opção sexual.

### **3-Quando a diferença se torna desigualdade**

Homens e mulheres são diferentes biologicamente. As funções de papéis também sempre foram. Diz Tamanini que desde o período paleolítico que vai do surgimento do homem e da mulher até 10000 a. C., percebe-se a distribuição de trabalho e a necessidade de parceria entre eles. O homem desconhecia que participava do processo de procriação e

supunham que a vida natal das crianças começava nas águas, nas pedras, nas árvores ou nas grutas, no coração da terra-mãe, antes de serem introduzidas por um sopro no

ventre de sua mãe humana ... Nesse tempo, as súplicas e os sacrifícios eram dirigidos à Deusa e toda atividade econômica estava ligada a seu culto. Os homens não tinham motivos para se sentirem-se superiores ou para exercer qualquer tipo de opressão sobre as mulheres. ( TAMANINI, Marlene *in* SARTORI, Ari; BRITTO, Neli Suzana (org.) p. 16, 2008 )

Mas porque hoje e em tempos anteriores o homem se achou superior às mulheres? Devemos remontar a história e mostrar isso em sala de aula, o que pode ser feito em diferentes disciplinas, a qual darei sugestões mais adiante.

No período neolítico estabeleceu-se definitivamente a agricultura, atividade que se acredita ser uma revolução das mulheres. Sua maior participação é devido a demora dos homens ao sair para caçar, pescar por causa das dificuldades com o meio ambiente, ou por guerrear ou ao nem voltarem para casa motivado por todas essas circunstâncias. Aos poucos, eles começaram a participar das atividades das mulheres, ao domesticar os animais e incorporarem o arado na agricultura.

Ao tornar-se sedentário, o homem começou a reparar que entre os animais, os machos tinham participação na procriação, ou seja, ao perceber que um carneiro “cobria” uma ovelha, depois de algum tempo a fêmea teria filhotes e logo dariam leite. E perceberam ainda que um mesmo animal macho poderia cobrir várias fêmeas. A partir de então compreendeu que também participava da procriação e a compreensão da superioridade da força física passou a ser ideológica, e o homem passou a decidir o que ela deveria a fazer.

“À medida que sua riqueza aumentava, o homem ia se tornando mais importante do que a mulher, e os filhos e a mulher passaram a ser sua propriedade. As colônias agrícolas foram se expandindo e colocou-se a necessidade de mais gente para trabalhar. Quanto mais filhos, melhor. As mulheres fornecedoras da futura mão-de-obra passaram a ser encaradas como objetos e se tornaram, elas mesmas, mercadorias preciosas. Eram trocadas entre tribos, ou então roubadas como parte da propriedade dos homens.” (TAMANINI, Marlene *in* SARTORI, Ari; BRITTO, Neli Suzana (org.) p. 22, 2008)

Saber a história é compreender aquilo que foi se transformando com o tempo nas formas de relações sociais. E é nesse ponto que outros métodos de análise social como as vertentes das ciências sociais: a Antropologia, a Sociologia e a Ciência Política, tal qual categorias a princípio usadas pela Psicologia, como o gênero, contribuem para entender melhor como essas relações foram se transformando. E o que isso tem a ver com a questão de gênero?

Entendendo gênero como as atribuições relacionais que a sociedade constrói para homens e mulheres, vemos com o passar da história que elas se transformam o tempo todo de diferentes formas em diferentes lugares. Algumas funções e características são atribuídas a pessoas do sexo feminino, como por exemplo, a sensibilidade e a doçura e logo o zelo com as atividades domésticas. Ao homem está mais associada a visão de rude. Apesar de sabermos que essas associações podem ser equivocadas devido às diferenças dos indivíduos que sobressaem às homogeneizações de formas de se relacionar, por também acreditarem-se como agentes e não somente como passivos, sabemos que muitas vezes há uma coerção para definirmos nossas características relacionando nosso sexo ao gênero correspondente:

A cultura ocidental moderna privilegia a diferença sexual como suporte primordial e imutável da identidade de gênero. Segundo este ponto de vista, as distinções anatômicas expressariam uma grande linha divisória que separaria homens e mulheres, concebidos, nesses termos, como corpos, como sujeitos fundamentalmente diferentes e, assim, destinados a abrigarem e a desenvolverem emoções, atitudes, condutas e vocações distintas. Isto explicaria que a decisão de alguém de romper com essa suposta determinação do sexo biológico, empreendendo uma transição do masculino ao feminino ou vice-versa, cause escândalo e gere violência e perseguição. (Barreto, Andreia ; Araújo, Leila ; Pereira, Maria Elizabete : org., p. 124,2009).

E é aí que percebemos a importância do movimento feminista, desde a reivindicação do sufrágio universal e assim a participação cidadã dela na sociedade, até a sua compreensão que a maneira pela qual se estabelecem formas de relacionar-se é algo que está imbricado em interesses políticos e ou econômicos. Em outras palavras “sexo é política” Por exemplo, o Estado pode criar políticas ou não de controle de natalidade, e isso imbrica em uma decisão do que ele quer que o seu corpo faça. Para ficar mais claro, segundo Alves e Pitanguy (1981), se pensarmos no período do nazi-facismo perceberemos que a propaganda para que as famílias tivessem mais filhos era uma forma de aumentar a população e propagar o modelo étnico ideal para os líderes desses movimentos, além de aumentar a mão-de-obra, tal qual ocorreu em outros momentos de guerra.

Compreender gênero, as diferenças que se transformam em desigualdades, onde o poder é assimétrico é uma forma de lutar contra a própria desigualdade. Sabemos que através da história a mulher teve diferentes participações no trabalho, nas decisões políticas que modificaram-se com o tempo devido a interesses que muitas vezes não eram os seus. A escola pode ser um instrumento de divulgação dos ideais feministas pois se formos a fundo

perceberemos que em menor grau a opressão não se faz só a ela. Existe também a opressão contra o homem que precisa sempre ter uma postura que se enquadre nos ideais do gênero masculino. Assim se algum menino tiver uma posição que seja mais voltada às características do feminino, como por exemplo, atitudes que apresentem maior sensibilidade como chorar em público, poderá ser motivo de chacotas entre os amigos.

É preciso apresentar que existem diferentes formas de violência contra a mulher: a violência física, psicológica, dentro dessas a violência pode ser sexual, pode ocorrer em espaços públicos ou privados, podem ser intra ou extra familiares, contra o patrimônio, o que implica dano, perda, subtração, destruição ou retenção de objetos, documentos pessoais, bens e valores.

Em dados concretos, para provar a necessidade de se questionar as violências físicas entre outras formas de discriminação contra a mulher, seguem os dados:

#### Quadro 1- Violência contra mulheres no Brasil

Uma em cada cinco brasileiras declara espontaneamente já ter sofrido algum tipo de violência por parte de um homem. A cada 15 segundos uma mulher é espancada por um homem no Brasil.
Um terço das mulheres (33%) admite já ter sido vítima, em algum momento de sua vida, de alguma forma de violência física (24% de ameaças com armas ao cerceamento do direito de ir e vir, de 22% de agressões propriamente ditas e 13% de estupro conjugal ou abuso).
27% sofreram violências psíquicas e 11% afirmam já ter sofrido assédio sexual. Um pouco mais da metade das mulheres brasileiras declara nunca ter sofrido qualquer tipo de violência por parte de algum homem (57%).
Cerca de uma em cada cinco brasileiras (19%) declara espontaneamente ter sofrido algum tipo de violência por parte de algum homem <sup>5</sup>

Fonte: comentários sobre a violência contra a mulher extraídos da análise realizada pelo Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo no site Violência contra a mulher: [http://www.violenciamulher.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=579:dados-nacionais-sobre-a-violencia-contra-as-mulheres&catid=7:dados-e-pesquisas&Itemid=4](http://www.violenciamulher.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=579:dados-nacionais-sobre-a-violencia-contra-as-mulheres&catid=7:dados-e-pesquisas&Itemid=4)

Faz-se muito válido a apresentação desses dados em sala de aula, e, além disso, ajudar alunos e alunas vítimas diretas e indiretas de vários tipos de violência. Nesses dados inclui-se também a violência contra os menores.

Dentro da violência contra a mulher, é importante tratar a exclusão sofrida por ela devido às discriminações raciais. Isso abarca a estereotipação para determinadas profissões, e a maior participação dela na escolaridade. Percebe-se que além das relações assimétricas e logo hierárquicas de poder entre homens e mulheres, há uma hierarquia dentro da discriminação, violência e participação da mulher em espaços públicos, entre as mulheres quando se trata da etnia. Veja esse quadro que mostra o grau de alfabetização de mulheres brancas e negras:

**Tabela 2 - Situação educacional das mulheres brancas e negras, segundo indicadores educacionais selecionados (1993 e 2007)**

<b>Principais indicadores</b>	<b>Mulheres brancas</b>		<b>Mulheres negras</b>	
	<b>1993</b>	<b>2007</b>	<b>1993</b>	<b>2007</b>
Taxa de analfabetismo com pessoas de 10 anos ou mais	<b>9,9</b>	<b>5,8</b>	<b>22,9</b>	<b>12,3</b>
Taxa de escolarização de ensino médio	<b>31,3</b>	<b>63,4</b>	<b>13,0</b>	<b>45,7</b>
Taxa de escolarização líquida ensino superior	<b>8,4</b>	<b>22,1</b>	<b>1,8</b>	<b>8,0</b>
Média de anos de estudos das pessoas ocupadas com 25 anos ou mais	<b>18,3</b>	<b>27,3</b>	<b>5,2</b>	<b>11,4</b>
Proporção de pessoas com 25 anos ou mais de idade com mais de 12 anos de estudo	<b>10,6</b>	<b>19,6</b>	<b>2,8</b>	<b>7,6</b>

Fonte PNAD/ IBGE; microdados “Retratos da desigualdade” in QUERINO, Ana Carolina; LIMA, Cleiton Euzébio de; MADSEN, Nina.

Logo, as desigualdades de gênero implicam também em questões étnicas, onde a exclusão se faz de diferentes formas. Sabemos que se perpetua a discriminação contra negros e que a noção de superioridade étnica também foi socialmente construída. Isso porque segundo explica Barreto, Andreia ; Araújo, Leila ; Pereira, Maria Elizabete (2009), toda sociedade possui algum modelo de estratificação, e a nossa sociedade capitalista, pautada nos ideais do liberalismo, não conseguiu superar a igualdade plena de direitos à todos, colocando em frente a liberdade comercial que não dá oportunidade para todos.

O termo raça até o século XIX era pouco usado, sendo sinônimo de linhagem, e servindo para expressar a idéia de que as nações européias derivavam, de forma mais ou menos indireta de antigas tribos. Ainda segundo Barreto, Andreia ; Araújo, Leila ; Pereira, Maria Elizabete (org) (2009) ao longo deste mesmo século “o termo raça foi se afirmando à medida que o conhecimento sobre as espécies animais passou a servir de plataforma para alguns pensadores estenderem as teorias biológicas e evolucionistas, as quais foram criadas para explicar as diferenças entre as espécies animais, em direção à espécie humana”.

O racismo vem do racialismo que associava as diferenças biológicas às qualidades psíquicas, intelectuais ou de caráter intelectual-. A teoria científica de racialistas, passou a não só associar as diferenças anatômicas ou de aparência física para associar à um caráter moral, que nesse caso derivava das diversidades culturais e sociais, e assim a concepção de que todas pessoas estavam aptas a “progredir” socialmente e “evoluir” culturalmente, passou a associar a capacidade de progresso apenas à determinadas raças. No caso a hegemonia que gerou preconceitos através da ciência e de outros espaços do poder político eram os brancos, muitos dos quais os colonizadores, que acreditavam ser apenas sua raça a detentora de saberes corretos.

Da mesma forma que as mulheres eram consideradas diferentes e inferiores aos homens em sua própria natureza, incapazes de discernimento, não podendo por isso votar, os povos não europeus, em função de suas “incapacidades raciais”, não teriam condição de autogoverno. Tais diferenças, supostamente naturais, ao serem associadas a determinadas capacidades mentais e/ou de caráter, serviam como justificativa para a sua exclusão dos direitos políticos e sociais. O mundo estava separado não mais pela fé e pela cultura, mas pela própria natureza. ( Barreto, Andreia ; Araújo, Leila ; Pereira, Maria Elizabete, 2009, p. 196)

Ao se extinguir o Antigo Regime feudal, a reivindicação burguesa era de que não houvesse divisão jurídica em qualquer segmentação, ou seja, a noção de igualdade jurídica para todos, deixando os indivíduos “livres” para suas escolhas. Mas sabemos que na prática, as coisas não funcionam assim. Apesar dos esforços na criação e a revisão dos Direitos Humanos, onde foram criadas especificidades numa leitura sobre as discriminações de gênero e raça, entendendo as construções sociais dos preconceitos, que ainda hoje diferencia-se e trata-se de uma forma diferente homens e mulheres, brancos, negros, indígenas entre outros. Assim vemos que as criações de desigualdades de gênero e raça, ainda mais quando associadas, geram um desfavorecimento ainda maior no que diz respeito à direitos e acessos, como nos dados mostrados de mulheres negras em contraposição á mulheres brancas no acesso à escola.

#### **4- Sugestões para tratar a questão de gênero nas disciplinas escolares**

Nesse capítulo trago sugestões de como se tratar a questão de gênero, em diferentes disciplinas. Proponho que esses conteúdos sejam imbricados desde o ensino fundamental, para que fique mais arraigado uma vez que serão trabalhados por mais tempo. Pensei nessa proposta porque sabemos que na prática, quando apenas uma disciplina tem o teor de trabalhar com questões críticas, como a Sociologia se propõe, os resultados são bem menores do que quando várias disciplinas trabalham nessa linha. E a crítica pode ser trabalhada não só pelas disciplinas de Humanas. Seguem as sugestões:

**Português-** na parte dedicada à literatura: textos didáticos que mostrem a mulher como agentes sociais, as reivindicações feministas, estórias ou histórias onde a participação na cidadania entre homens e mulheres sejam iguais, e a destigmatização de papéis predominantemente femininos e masculinos, por exemplo, mostrando meninos com mais sensibilidade. Na gramática, mostrar os “vícios” de linguagem, ao conjugar verbos e subjetivos no masculino e aplicar tanto nos exercícios, quanto nos textos didáticos o substantivo alunos e alunas, e em sala de aula lembrar de chamá-los assim também.

**Matemática-** Por que não trazer para os “problemas” de resoluções de exercícios, estatísticas que mostrem as desigualdades de gênero, no caso da violência contra a mulher e os homossexuais? Por exemplo, a partir dos próprios dados apresentados nesse artigo: se a cada 15 segundos uma mulher é espancada por um homem no Brasil, em 24 horas quantas mulheres são espancadas nesse país? Quantas mulheres são espancadas por ano? O mesmo exemplo pode ser usado com os dados da violência sofrida contra os homossexuais.

**História-** o tempo todo é possível remontar a participação das mulheres nas conquistas, guerras e trabalhos. Isso pode começar desde o período Paleolítico, Neolítico como foi apresentado. Para explicar a Idade Antiga e sua comparação aos escravos; sua participação política que oscilou em diferentes momentos; a “caça às bruxas” onde apenas homens detinham o poder na igreja, no Estado, nas Ciências; a participação das mulheres na luta pelo sufrágio universal e a sua participação atual na esfera política.

**Geografia-** a participação da mulher enquanto agente de propagação de aumento demográfico ou não, dependendo do momento econômico e político. Apresentação da mistificação da

mulher detentora do poder de procriação e criação dos filhos em diferentes períodos (análises de propagandas, programas, revistas etc) .

**Biologia-** ao apresentar o corpo de meninos e meninas mostrar e explicar os aparelhos sexuais, e não reprodutivos como muitas vezes é apresentado em sala de aula. Reduzir a noção de que o aparelho sexual é apenas reprodutivo, induz o indivíduo a pensar que os tipos de relações normais são apenas as heterossexuais e que o corpo é destituído de sensações de prazer. É importante também salientar que a prevenção de gravidez ou DSTs é responsabilidade dos dois parceiros sexuais, meninos e meninas quando se trata dos dois casos, e de meninas e meninas e meninos e meninos quando se trata das DSTs. A desmistificação que relações entre parceiros afetivos/sexuais “fixos” é motivo de prevenção contra as DSTs, como estudos que mostrem o aumento de mulheres casadas e infectadas com o vírus da AIDS. Informações de onde se encontram formas de se prevenir de uma gravidez indesejada, tal qual das doenças, como postos de saúde, necessidades de se fazer exames de tempos em tempos etc.

**Sociologia-** é possível trabalhar o feminismo enquanto movimento social. E também trabalhar os clássicos como, por exemplo, a idéia de coerção do fato social proposto por Durkheim para falar das relações de desigualdade entre gênero. Tal qual a história precisa ser sociologizada, a Sociologia, que apesar de levar o título de disciplina escolar, mas também falar da Ciência Política e da Antropologia precisa ser historizada. Os marcos importantes da história podem ser trabalhados através da desnaturalização das relações. Em específico, a Antropologia tem um importante papel de trazer outras formas de se relacionar, ao mostrar sociedades distintas e muitas vezes distantes. É um bom campo para apresentar as sociedades matriarcais.

**Filosofia-** muitos dos grandes filósofos da Antiguidade e Idade Média eram extremamente machistas, colocando a mulher como um mero objeto que em sentido algum deveria ser compreendido como cidadã. Sócrates e Rosseau são exemplos. Tal qual mostrar que essa idéia machista foi massivamente propagada pelos detentores do conhecimento por muito tempo, é importante mostrar pensadores e linha que construíram a idéia de liberdade e participação feminina. O existencialismo de Sartre, onde o homem e a mulher não estão à mercê de pré-determinações, como a considerada inferioridade biológica e psíquica da mulher, tal qual podem tomar suas decisões convictos do que querem, é um exemplo. Sartre foi o companheiro de Simone de Beauvoir, uma das principais feministas de todos os tempos,

que trabalhou o existencialismo sartriano, usando estudos antropológicos, materialistas e da psicanálise para falar e praticar o feminismo.

## **5-Conclusões:**

Numa proposta de leitura e trabalho feminista e de diversidade de gênero, temos muitos materiais para trabalhar essas questões. Mas sabemos o quão delicado é o tema sexualidade em nossa sociedade, e assim muitos cuidados devem ser tomados. Um curso para os professores sobre questões de gênero deve ser ministrado por pessoas muito preparadas para falar do assunto. Outros profissionais da escola como diretores e pedagogos também deveriam fazer esse curso.

Infelizmente isso vai ter um grande embate em questões religiosas muito imbricadas em nossa sociedade e na escola, que deveria ser laica. O próprio tabu dos alunos para falar dessas questões ao trazer de seus meios, valores é um entrave. Em nosso estágio vimos como professores são questionados ou pressionados quando traz questões que mechem com os valores dos alunos, como a sexualidade. Muitas vezes o aluno é o primeiro a reclamar para os pais que levam suas reclamações até a diretoria. Mas a questão da diversidade sexual e da desigualdade de gênero de uma forma geral precisa ser trabalhado urgentemente. Precisa deixar de ser tabu.

Vimos a polêmica acerca do kit Anti-Homofobia, que pejorativamente foi chamado por boa parte da bancada religiosa por “kit gay”. O kit Anti-homofobia, é um material didático que dá suporte para apresentar a diversidade sexual em sala de aula, compostos por manuais e vídeos. Dizem apresentar várias falhas, mas o próprio acesso por parte do material ao povo é restrito. Infelizmente o que os críticos contrários à disseminação desse material que pode ser riquíssimo, propagam, não é uma real explicação sobre o que é diversidade sexual e quais os seus desafios frente ao respeito merecido por todos, e sim como se o material fosse uma forma de imposição de diferentes sexualidades. Assim, dizem eles, que o seu filho vai ser induzido a virar gay. O que é falso.

Falar sobre gênero e das suas diferentes identidades, tal qual denunciar as violências sofridas pela caracterização dos papéis sociais denotados aos sexos biológicos, é mostrar o aparato teórico e as contribuições dos agentes, que ao perceberem as construções sociais

acusam as errôneas naturalizações de formas de agir, que nós normalmente não percebemos. Lutar por uma sociedade onde as oportunidades sejam iguais, amenizando assim as opressões deve ser um papel da educação, para estabelecer um diálogo com a vivência dos alunos. Falar de gênero e suas decorrentes violências pela normatização de formas corretas de se viver, é falar de mortes; agressões físicas e simbólicas; problemas psíquicos decorrentes disso, estratificação e conseqüente imobilidade social e econômica de seres humanos.

É apresentar dados que comprovem a diferença salarial entre homens e mulheres; entre homens e mulheres de diferentes etnias; de quantas mulheres sofrem violência pela idéia de que os homens podem ser superiores não só em questão de força, mas econômica e dependente tanto psicologicamente quanto financeiramente desses; dos travestis que não tem espaço em determinados trabalhos—, a não ser em salões de cabeleireiros e em prostituições, estando vulneráveis assim a outras violências além das que costuma sofrer no dia-a-dia.

Mas sabemos que a educação não vem só da escola, ela está ligada à família e/ou outros meios de socialização. Então podemos dizer que esse é um longo trabalho e que pode ter influência nas novas formações de relações em geral, que podem estabelecer novas formas de relação dentro da família e/ou de parentesco.

#### Referências Bibliográficas:

A LIGA. *Transsexualidade*. 18/10/2011. Disponível em: <http://www.band.com.br/aliga/conteudo.asp?id=100000462943> [19/11/2011/]

ALMEIDA, Pauline. *Boletim levanta debate sobre homofobia dentro da Universidade Estadual de Londrina* 2011. 21/09/2011. Disponível em: <http://londrina.odiario.com/londrina/noticia/495708/boletim-levanta-debate-sobre-homofobia-dentro-da-uel/> [19/10/2011]

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. *O que é feminismo*. Editora Brasiliense: São Paulo, 1981.

ARAÚJO, Leila, BAREETO; Andreia ; PEREIRA, Maria Elizabete (org). *Gênero e Diversidade na Escola* Formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientações

sexuais e relações étnico-raciais. Disponível em: [<http://www.sepm.gov.br/publicacoes-teste/publicacoes/2007/gde-2007.pdf>] [10/11/2011]

INSTITUTO PATRICIA GALVÃO. *Atitudes frente ao crescimento da AIDS no Brasil*. S/d. Disponível em: [<http://www.patriciagalvao.org.br/pesquisaibopemulhereaids.htm>] [20/10/2011]

JORNAL NACIONAL. *Lei que criminaliza homofobia causa grande protesto em Brasília*. [19/10/2011]. Disponível em: [<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/06/lei-que-criminaliza-homofobia-motiva-grande-protesto-em-brasilia.html>]

LIMA, Cleiton Euzébio de; MADSEN, Nina; QUERINO, Ana Carolina. Gênero, raça e educação no Brasil contemporâneo: Desafios para a igualdade. In: *Faces da desigualdade de gênero no Brasil*. Ipea: Brasília, 2011.

PLC 122. *PLC 122/ 2006 Texto atual*. S/d. Disponível em: [<http://www.plc122.com.br/plc122-06/#axzz1bMh7maDV>] [18/10/2011]

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Lei 7716, de 5 de janeiro de 1986. S/d. Disponível em: [[http://200.181.15.9/CCIVIL\\_03/LEIS/L7716.htm](http://200.181.15.9/CCIVIL_03/LEIS/L7716.htm)] [19/0/2011]

SARTORI, Ari José; BRITO, Néli Suzana (org). *Gênero na educação: espaço para a diversidade*. Florianópolis: Genus, 2008.

SUCUPIRA, Fernanda. s/d. *65% dos homossexuais já sofreram agressões verbais, físicas ou sexuais*. S/d. Disponível em: [[http://www.direitos.org.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=1513&Itemid=2](http://www.direitos.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1513&Itemid=2)] [18/10/2011]